

Possibilidade da palavra

bissexto sentido
Carlos Ávila
[Perspectiva, 1999, 176 p.]

Noemi Jaffe

*Eu não tenho nada a dizer
e o estou dizendo e isto é
poesia* [John Cage]

Para alguns poetas só é possível escrever poesia quando se sabe que é impossível escrever poesia. E por que razões? Porque o coração é maior e menor que o mundo; porque querer dizer algo depois de tantos desastres históricos é sempre uma tarefa de lidar com o absurdo; porque a palavra, querendo chegar nos limites do corpo e dos sentidos, mal consegue deles se aproximar; porque diante das coisas, o poema fica, enquanto elas vão; e talvez, enfim, porque as coisas são, enquanto o poema quer ser.

Mas o que acontece, para surpresa de poetas e leitores, é que é justamente como fruto da convicção dessa dificuldade que se fazem poemas possíveis. A impossibilidade não desaparece – mas é ao dizê-la que se constrói um novo possível, e o poema significa; ele se torna um objeto que dá nome ao impossível da expressão. Objeto tenso, nascido do paradoxo, que, consciente de sua condição, pende entre dois pólos: melancolia e ironia. A partir dessa consciência, João Cabral e Paul Celan, por exemplo, fizeram uma poesia de pedra, de lâmina e silêncio. Não é exatamente o caso de Carlos Ávila, que escreve poemas em que o não-dizer fica perto do não-dizer dos sapatos, e não o da lâmina; o não-dizer do cascalho e não o da pedra; o não-di-

zer das coisas e não o do silêncio. Seus poemas não dóem nem projetam especulações, mas cutucam e solicitam.

É assim que leio *Ásperos*, o mais recente da coletânea *bissexto sentido*, que reúne também seus dois livros anteriores, *Sinal de menos* e *Aqui e agora*. Nesse livro, em que o eu-lírico “aspira à dicção áspera” como “uma garra (a ferro & fogo) engastada na garganta”, ouve-se um eco do raspar da lâmina de João Cabral. Mas a aspereza a que aspira a dicção de Carlos Ávila mantém todo o tempo sua contrapartida, o outro lado da moeda, uma espécie de delicadeza das pequenas coisas, da prosa, da ironia que tem alguma coisa de engraçada, não só de amarga. É como se sua poesia o traísse; como se apesar do desejo de corte fino, saísse um corte entortado, sujo de jogo e trivialidade.

Alguns exemplos: o poema-prefácio, que é a consciência do próprio livro como objeto-livro, estendendo-se limpa e certa por todo o poema, termina em dúvida sobre si mesmo: “(uma espécie de/ parler sans avoir rien a dire/ ?)” Como se, ao final, o poema duvidasse de sua aguda auto-consciência. Ou então “O caos A vida O nada” presentes no título de outro poema, que são relativizados em sua gravidade semântica pela alusão a fatos (a queda do muro de Berlim), pela reutilização de lugares-comuns (“nada como um dia atrás do novo”) e pela oposição que se cria entre o pessimismo do verso “nada mudou muito” do início do poema, e a promessa dos versos finais: o “sem-sentido”

que “aponta sempre para um sentido outro” Ou ainda, em “Rima pobre”, a auto-ironia, o orgulho da “nadidade” como em “sou o grão-mestre de nada” “alarido de bufão” “sou o oco do barroco” “sou o antiprofeta” Se no vaticínio às avessas de João Cabral de Melo Neto ainda se ouvem profecias, ou ainda existe a idéia do poeta-profeta, do poeta perfeito e da perfeição, aqui um herdeiro desse mestre recusa a profecia: – Sou menos, ele diz. E fica a pergunta: mas cabe ser mais?

Quem responde às muitas perguntas que faz *Ásperos* – os diversos parênteses, pontos de interrogação, reticências, hesitações, silêncios – é um sábio senhor, ao mesmo tempo próximo e distante da razão e do rigor, o acaso: “O que será/ (...) será”; “meu whisky é meu verso/ o resto... E é justamente no espaço desconfortável entre o acaso produtivo e o rigor da consciência crítica e estrutural que fica a poesia de *Ásperos*. E creio que seja isto que torna a leitura dessa poesia simultaneamente dura e alegre, concentrada e distraída (no sentido de *fora dos trilhos*). Todo o rigor construtivo, integrado à aspereza de uma consciência desistente e descrente, são como que umedecidos, aliviados pelo tom conversacional, por aquela entrada do sol descorando as flores do mal de Baudelaire, pelo *échec/ réussite* do “tudo (lá fora)” É o fora que se introduz indiscriminada e desavisadamente no poema, em suas malhas paronomásticas, trazendo lugares-comuns, trocadilhos, corpos, velhos e putas

jogando dados, parelhando o *coup de dés* ao “coup de dents” e ainda ao “cu da madrugada”

É a partir da entrada deste lado de fora que o livro *Ásperos* coloca, a meu ver, uma outra problemática – o que, aliás, conversa de perto com o que se expôs até aqui. Os poemas de Carlos Ávila sabem não contar com “o ouvido sutil/ de Mallarmé” não por deficiência ou incapacidade, mas por inviabilidade cronológica. Não é mais tempo, parece dizer o poema “Sem”: “falta-me/ falta-nos ouvido/ sobra-me/ sobra-nos olvido:/ o olvido fútil/ sem” Não é mais possível “palavra e som/ unidos/ cristalinos” soarem como sinos. E o que resta na ausência desse ouvido sutil? Parece restar a certeza de que o corpo das coisas, em sua inteireza, faz troça do poema que quer existir. É o “Narcissus poeticus” “mal plantado/ numa waste land/ (minúscula)” que seca porque não resiste “a pó poeira poluição”; é o “Crepúsculo” que “não cabe num opúsculo”; a sorte lançada “no céu da madrugada”; o sol que descora o livro de Baudelaire; a rua onde “morrem todas/ as ilusões do ano” ou o whisky que “toma o lugar/ – fácil, fácil –/ de um texto/ do complexo trabalho/ de fazê-lo” Outra vez, o surpreendente é que deste atrito aflitivo entre as coisas ontologicamente íntegras e a representação destas mesmas coisas, sempre no limite do impossível, surge uma nova possibilidade – um dizer absurdo e quase mudo.

A segunda e a terceira partes da coletânea, constituída dos livros *Sinal de menos* e *Aqui e agora*, datados respectivamente 1982-1989 e 1971-1981, prenunciam de forma mais ou menos explícita o que viria a se consolidar mais claramente em *Ásperos*. Os títulos já dizem muito: a tentativa de captura da agoridade talvez seja o que sobra quando se perde o sentido de outras utopias. E Carlos Ávila busca continuamente pescar esse não-tempo, através não de rasgos de inspiração ou catarses, mas, ao contrário, de um trabalho de arquitetura semântica e sonora e de reduções planejadas. Matar a mosca, como disse Décio Pignatari, sobre a tarefa difícil da poesia concreta: aliar precisão e intuição. E a subtração, por sua vez, é a operação certa para este exercício de caça à mosca – o golpe deve ter a medida exata para acertar o alvo. Nesse caso, menos é muito mais.

Há, no entanto, uma diferença entre os três livros que, pode-se dizer, reside numa medida de fé, ou melhor, de credulidade, já que a questão aqui não é mística. Do primeiro para o segundo e do segundo para o terceiro ocorre uma gradual perda de credulidade: na palavra e no eu. O exercício de redução e talvez a consciência de que é impossível congelar o aqui e agora fizeram da poesia de Carlos Ávila um material realmente cada vez mais áspero. *Sinal de menos*, o segundo livro, começa com um elogio ao poder transformador da poesia:

A incendeia PA os LA céus VRA
 revolta SO os BRE mares A agi
 ta PÁ o GI espírito NA poiesis

inversamente ao que faz o livro *Ásperos*, no qual o elogio vem com sinal trocado, pelo tanto que tematiza o que a poesia não consegue ser e fazer. Entretanto, em *Sinal de menos* já existe a dúvida sobre qual das mãos guarda a pedra, sobre a própria poesia como pedra, como fome de linguagem; e também o desnudamento da ambigüidade poética em um grande pequeno poema, o último da primeira parte:

a h a s t e
 do p o e m a
 p e n s a

Aqui, duvida-se da certeza entusiasta daquele poema que abre o livro. O poema que pensa e cuja haste é pensa ensina a difícil arte de saber rir de si mesmo.

No mesmo livro, o poema-tobogã

as estrelas
 alcanço
 no chão
 os pés
 tocando

em sua mini-vertigem, traduz o alcance desejado e muitas vezes conquistado dessa poesia: atingir as estrelas transitando pelo chão das palavras. É na oposição entre um poema como esse e a precisão deste outro

brusco
 (desmiolado)
 busco
 o elo perdido do sentido
 derrapo na pista do texto
 despisto
 nem sinal
 desisto (...)

que fica claro como é pensa a haste do poema neste livro, ora firmando a potência da palavra, ora afirmando sua impotência.

Já o livro *Aqui e agora*, o primeiro cronologicamente, propõe, de forma cifrada:

L R
H M M
C M
M
S GN

Ler o homem como um signo. E é nesse livro que, compa-

rativamente, o credo na palavra aparece com mais força, pela certeza do objeto-homem também como linguagem. O poema que abre o livro diz “a/ cre/ ditar/ nas/ p/ a/ l/ a/ v/ r/ a/ s (...)” e a separação ostensiva da palavra nas letras que a compõem reitera que este credo não se esgota na carga semântica. Nessa linha, uma das partes do livro corresponde a uma oficina de experimentação gráfica e sonora, estendendo os limites plásticos do significante, coisa que depois será incorporada com menos evidência, mas com maior certeza, nos dois livros posteriores.

Assim, *bissexto sentido* não é simplesmente uma coletânea dos três livros lançados por Carlos Ávila. Existe um caminho, deliberadamente tortuoso, traçado durante vinte anos. O trabalho gradual de redução semântica, na quantidade e na intensidade; os versos curtos que mais calam do que falam; a cuidadosa construção fônica; a mescla de referências eruditas e de dicção coloquial, são marcas deste percurso. Outro índice deste caminho é uma certa intertextualidade que se pode perceber entre os livros. A comparação de, por exemplo, “senha secreta/ o poema/ devora o poeta” versos de *Aqui e agora*, com o título “LE TEMPS MANGE LA VIE” ou estes outros versos: “crepúsculo/ que gera o anticrepúsculo/ que devora tudo/ úsculo”, ambos de *Ásperos*, esclarece o caminho “fágico” da poética de Carlos Ávila, indo do poema devorador à palavra que mal escapa de ser engolida pelas coisas.

É o próprio poeta-persona, assinando Carlos Ávila, em

“NÃO!” o último poema de *Aqui e agora*, que deixa clara a linha que costura esses três livros, ao longo de duas décadas de escrita: “poesia subentende vida/ para que sobreviva” E a vida é dúvida, crença e descrença, entusiasmo e melancolia, sentido e falta dele. “Mas o sem-sentido aponta para um sentido outro (...)” que está na própria poesia. E podemos começar tudo de novo.

Noemi Jaffe é professora de literatura do Colégio Equipe e mestrandia em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo.